

**RESENHA DO LIVRO:**  
**FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais:***  
**O surgimento do Carnaval Carioca**  
**no Século XIX e Outras Questões Carnavalescas**

*Profa. Fabiana Lopes da Cunha*  
*UNESP – campus de Ourinhos.*  
*O Carnaval e a Ocupação do Espaço Festivo*

O autor divide o livro em três grandes partes: na primeira ele busca traçar o histórico e as mudanças ou “invenções” da festa na cidade do Rio de Janeiro entre o período de 1840 a 1930; na segunda ele vai analisar os carnavais de Paris e Nice, tentando com isso fazer um diálogo entre o “local” e o “global”; e na terceira o autor irá discutir as diferentes teorias sobre festa e sobre a ocupação do espaço festivo.

Felipe Ferreira inicia o seu livro falando sobre o surgimento do desfile do *Congresso das Sumidades Carnavalescas*, em 1855, que inauguraria uma nova fase do carnaval carioca, onde até então predominava o entrudo, brincadeira que teria sido introduzida aqui pelos portugueses, e que tinha como principal tônica atirar nos passantes “laranjinhas” ou “limões” feitos de cera e recheados com água de cheiro. Além destes apetrechos, também eram utilizadas as seringas e as gamelas, que cheias de líquidos muitas vezes não tão “cheirosos”, davam à festa um aspecto “bárbaro” e pouco civilizado e que incomodava parte da elite da capital do império. Desta forma, este passeio da agremiação formada por intelectuais famosos como José de Alencar e por parte da elite cidadina, marcaria para Ferreira, a primeira luta pela ocupação do espaço festivo. No entanto, para comprovar que esta ocupação sempre foi fruto de tensões e conflitos, ele mostra como ainda durante as brincadeiras “entrudescas”, estas se davam com certas regras e em espaços diferenciados, públicos e privados. Os contatos e brincadeiras nestes espaços somente eram possíveis se respeitadas certas hierarquias. Desta forma, se membros da elite podiam lançar líquidos e “limões” sobre escravos, estes jamais poderiam revidar tal brincadeira. No entanto, pelas ruas, pode-se observar que existiam “batalhas entre negros e entre empregados do pequeno comércio”.<sup>1</sup> Assim como, as moças que sempre

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Felipe. P. 30

ficavam sob estrita vigilância, podiam nestes dias gozar de certa liberdade e atirar projéteis no sexo oposto, muitas vezes demonstrando com este gesto seu interesse em relação ao rapaz. Desta forma, esta brincadeira contribuía para reforçar a segregação social e as diferenças existentes dentro da sociedade . Por conta disso o autor afirma existirem “vários entrudos”, buscando com isso evidenciar as diferentes tensões e formas de brincar o carnaval neste período. Até os apetrechos utilizados eram diferenciados: de um lado, nas casas onde as diferenciações sociais também eram respeitadas, eram lançados limões-de-cheiro com água misturada a *pachoulli* ou outros perfumes ; enquanto, nas ruas, os pobres, ambulantes, prostitutas e negros, que utilizavam a água dos chafarizes e das ruas , misturada a polvilho e pó de barro. Desta forma, o entrudo seria a definição que a elite usava para todas as formas de se brincar o carnaval e que distava do que esta então imaginava como ideal para estes dias.

Com a introdução dos bailes de máscaras (1840) e depois com o desfile do *Congresso das Sumidades Carnavalescas* (1855), buscava-se substituir a maneira de se desfrutar o carnaval, visto como algo relacionado a Portugal e à Idade Média, portanto, ultrapassado para o novo momento da nação, recém independente e que buscava inspiração em Paris, com o intuito de imprimir ao carnaval a feição de uma festa burguesa e moderna.

Em 1840 a sociedade brasileira vai ser tomada por uma verdadeira “febre de reuniões, bailes, concertos e festas”.<sup>2</sup> Os bailes seriam um divertimento burguês e tanto no Rio de Janeiro quanto em Paris, tais eventos marcarão ainda na primeira metade do século XIX a tomada do poder por uma nova elite, em nosso caso, de uma classe ligada ao comércio. Desfrutar destes bailes, teatros e óperas tinham como objetivo desafiar as celebrações e procissões luso-brasileiras. Incapaz de extinguir o carnaval, pela festa estar arraigada em nosso calendário ou porque esta elite também gostava de usufruir destas brincadeiras, ela então resolve organizar tais eventos e festividades à sua maneira. Formam-se assim, pela cidade do Rio de Janeiro, várias sociedades dançantes, que tinham como finalidade organizar os bailes, inclusive o de máscaras, com regras que o tornavam privativo e familiar. Com o passar dos anos, no entanto, os bailes particulares, mais sofisticados e exclusivos serão rigorosamente dissociados dos bailes públicos, dominados pela “canalha”, gente “sem gravata nem sabão”. A polícia passa a se preocupar em regular não apenas as ruas, onde o uso de máscaras era proibido, mas também os bailes, onde não eram permitidas certas posturas como

---

<sup>2</sup> Ferreira, p. 44

assobios e gritos e tinha como regra o fato de que todos os participantes deveriam respeitar o “segredo dos dominós e máscaras”.

Se com os bailes, a elite havia conseguido trazer à cidade uma nova forma de encarar e desfrutar o Carnaval, esta mudança não era suficiente, pois não ocupava as ruas. Para isso, foi importado de Paris o modelo de deslocamento das *promenades* realizadas na capital francesa no período carnavalesco, onde o folião passeava pelo *boulevard*, a pé ou em outros meios de locomoção, trajando fantasias elegantes. O primeiro passeio, ilustrado através de um mapa elaborado pelo autor, inauguraria através desse ato simbólico uma espécie de “ato fundador”, o que para o autor significaria “um momento simbólico que assinala talvez a primeira ação organizada e objetiva de dominação do espaço / poder do Carnaval”.<sup>3</sup>

Em pouco tempo, este tipo de agremiação carnavalesca se multiplicará na capital do império, tais como: União Veneziana, Club Carnavalesco, Club X, Estudantes de Heidelberg, Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos, sendo que estas três últimas dominarão o cenário carnavalesco de fins do século XIX e início do XX. Com desfiles imponentes e luxuosos, tais associações impunham sua presença tentando opor essa imagem, organizada e elegante, ao entrudo, visto cada vez mais como sinônimo de desordem e de falta de civilidade. Diferentemente de Paris, que tinha como palco para tais passeios um espaço urbano para isso, os *boulevares*, ou de Nice, que apresentava um local específico e isolado para a festa burguesa, o Rio de Janeiro em fins do século XIX ainda tinha um aspecto colonial, com ruas estreitas e mal calçadas, por onde a cada roteiro (e o autor vai ilustrar vários deles) buscava-se solucionar os vários “encontros e desencontros” que geravam conflitos, enfrentamentos e confraternizações entre as Grandes Sociedades.

O Carnaval carioca, resultado de diferentes ações e elementos distintos como as sociedades, os grupos carnavalescos, “estandartes, trama urbana, fantasias, seringas, limões-de-cheiro, decoração de ruas, população da cidade e artigos na imprensa, entre outros atores” não refletirá apenas o gosto da elite e nem somente a reação “verdadeiramente popular” das classes menos favorecidas da população, mas será na verdade uma resposta combinada da tensão entre “seus diversos atores humanos e não-humanos: um produto de processos e relações em que todos os elementos se revestem de importância ou, de acordo com a teoria ator-rede, uma teia de significados influenciada pelas formas que a compõem”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Ferreira, p.65

<sup>4</sup> Idem, p.79

Se até então as tensões da festa se davam entre a casa e a rua, ou entre o espaço público e o privado, a partir deste momento, tal processo se desloca principalmente para as ruas da cidade, e por conta disso, para o autor, é imprescindível compreender o quanto este espaço urbano passa a ter um papel preponderante no Carnaval. Aqui é ressaltada portanto, as várias modificações que a cidade sofrerá a partir de meados do século XIX, como o calçamento, a iluminação e os esgotos sanitários. Desfile pelas ruas seria uma espécie de troféu desta elite. A escolha das ruas também não era aleatória, pois os primeiros roteiros incluíam ruas que sediavam os principais periódicos da cidade, e estes tiveram um importante papel na divulgação e implementação deste novo discurso carnavalesco. Para Maria Clementina<sup>5</sup>, a escolha das ruas se dava pelo patrocínio que os proprietários dos estabelecimentos davam às Grandes Sociedades e também quanto ao embelezamento dos estabelecimentos. Mas, de qualquer forma, o fato é que tal roteiro passa a modificar a festa, pois se à *priore*, toda a cidade, com o entrudo, servia de palco para a brincadeira, com este “novo Carnaval”, certos locais se tornam privilegiados e passam a ser definidos como mais “carnavalescos” do que outros.

Às segundas-feiras, quando estes desfiles não ocorriam, as ruas eram tomadas por diversas manifestações carnavalescas, que iam desde o entrudo, zé-pereiras, cordões e ranchos, que seriam constantemente confundidas pela imprensa, que teria dificuldades em defini-las. No início do século XX, os textos jornalísticos se referem ao segundo dia do carnaval como sendo o consagrado “aos foliões dos arrabaldes e subúrbios”<sup>6</sup>. Tais relatos buscavam criar assim uma nova tradição dentro da festa, que posteriormente seria contestada e na década de vinte, tal dia seria destinado ao desfile dos ranchos, agremiações carnavalescas de origem popular, mas que por conta de sua organização e musicalidade, passariam a ser cada vez mais aceitas pela elite.

A inauguração da Avenida Central, fruto da reforma urbana que o Rio de Janeiro passou no início do século XX, não teria sido tão “predeterminada e totalitária” quanto à reforma implementada por Haussmann em Paris, o que de certa forma teria propiciado a manutenção de “diversas temporalidades” e ao mesmo tempo o “intercâmbio cultural entre artistas, intelectuais e as camadas populares”. A nova avenida na verdade serviria apenas como uma espécie de “corredor” que possibilitava esconder a cidade colonial da civilizada e elegante.

---

<sup>6</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira da. Ecos da Folia.

<sup>7</sup> Ferreira, p.133

Ao romper e sobrepor-se ao velho centro do Rio de Janeiro, se eliminá-lo totalmente, a avenida Central justapõe uma nova temporalidade às já existentes naquela área, criando, com isso, novas tensões e novas possibilidades de intercâmbio entre os diversos atores ligados a cada uma dessas temporalidades. No caso do Carnaval, essas novas relações espaciais impostas por um novo ordenamento urbano não mudarão, de imediato, o eixo da festa carnavalesca, mas criarão um novo espaço carnavalesco na cidade.<sup>8</sup>

A nova batalha se dará principalmente entre a nova avenida e a região da rua do Ouvidor, seguida por outros espaços, localizados nos bairros e subúrbios, o que marca um momento de expansão do Carnaval e o surgimento de um novo discurso, que irá associar toda a cidade com o Carnaval. Uma destas áreas se destacará como símbolo do Carnaval popular: a Cidade Nova. Nas duas primeiras décadas do século XX ela se transformará numa espécie de “segundo pólo da festa carnavalesca”.

Diante de tantas manifestações carnavalescas e de tamanha extensão, espacial e social, a ocupação civilizada ou imaginada pela elite ainda em meados do século XIX foi frustrada diante da impossibilidade do controle do espaço carnavalesco, ocupado por distintas formas e classes sociais, o que faz com que a elite passe a assumir como sua a “descoberta” de novas formas de se brincar o Carnaval, associando-as à idéia de identidade nacional.

As sociedades retornam, sob bases cada vez mais grandiosas, e os novos grupos, antes considerados “bárbaros”, passam a ser assimilados pelo Carnaval. Esta assimilação se reproduz através da organização espacial, tanto dos desfiles quanto da estrutura interna dos próprios grupos. Se os roteiros de desfiles se ampliaram, abrangendo os bairros, o poder da centralidade se mantém, na nova avenida Central, e o controle do espaço se amplia. Além disso, a própria organização espacial interna dos grupos passa para o controle da elite. A cultura oficial começa a “entender” a disposição interna de cada grupo que consiste de partes cada vez mais identificáveis: grupos de índios, de baianas, Zé-pereiras, batuques, etc. esse processo de identificação irá desaguar na definição de novas formas carnavalescas: uma nova onda que irá gerar um novo Carnaval.<sup>9</sup>

Ao definir sob seu prisma estas novas manifestações e formas de brincar o Carnaval, e a concessão de um espaço para o Carnaval “popular” dentro da festa controlada pela elite, possibilitará que esta

---

<sup>8</sup> Idem, p.152

<sup>9</sup> Idem, p.171

também mantenha sob seus moldes e vigilância tais eventos. Ao dar a essas diferentes festas e manifestações festivas o “direito à cidade (mesmo que somente no período carnavalesco)” , a elite estaria fazendo com que estas aceitassem suas regras, em geral regulamentadas por instruções das autoridades policiais, que exigiam que estas agremiações tivessem registros, sede própria, delimitação de local e horário de desfiles, dentre outras regras, que denotam o controle cada vez mais rígido destas sociedades e grupos carnavalescos. Paralelamente, a elite promoveria seu próprio Carnaval, apreciando os desfiles e participando de corsos e batalhas de confete, acreditando que havia solucionado a “equação carnavalesca”. No entanto, o autor ressalta que tal sonho, o de formatar o Carnaval, nunca se tornou de fato realidade, pois fazer isto seria inventar uma não-festa, “que reúne tudo aquilo que não se enquadra dentro de um formato pré-estabelecido”.<sup>10</sup>

Felipe Ferreira busca, portanto, mostrar todas as tensões relacionados com a luta pelo espaço/poder, que caracterizam uma festa dinâmica e polifônica como o Carnaval. Esta festa é abordada através de sua relação e ocupação do espaço ocupado por ela física e simbolicamente. O espaço visto de forma diacrônica permite compreender as modificações ocorridas na festa em suas distintas temporalidades e as influências exercidas sobre ela nestes distintos momentos. O conceito de lugar, visto aqui como um *locus* que dialoga e interage com distintas escalas de influências, possibilitou a elaboração de “lugar carnavalesco”, determinado através de vários fatores, pessoas, símbolos e “ações em redes dinâmicas de significados” associados ao local e ao global. Tal estudo, trata o nosso Carnaval sob uma nova ótica, a da geografia cultural, sendo portanto, um trabalho que muito contribui para os estudiosos da festa e do Carnaval em nosso país.

---

<sup>10</sup> Idem, p. 172